

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO – Maio/2007 – Vol. II

JOPARA: LIMIARES DA LÍNGUA

Diego Jiquilin, RAMIREZ

(Orientadora): Profa. Dra. Eleonora Albano

Falar sobre o *jopara* é, antes de tudo, fazer remissão imediata a um país sul-americano situado no coração do continente, o Paraguai, e lembrar-se de seus idiomas, em convivência desde o período colonial, o guarani e o castelhano.

Jopara é o vocábulo de origem indígena que, prioristicamente, foi traduzido por Guash & Ortiz¹ ao espanhol como “*a medias, medianamente*” e “*mezcla, mezclanza*”. É também o nome de um prato culinário típico, constituído principalmente pela amálgama de dois ingredientes: o milho, americano, e o feijão, não-americano. Originando-se disto a metáfora, a juntura do elemento nativo com a do elemento estrangeiro, escolhida pelos falantes para designar a mistura das duas línguas.

O fenômeno lingüístico é daqueles que polemizou preceitos abarcados pela lingüística histórica, primeiramente, porque uma das línguas envolvidas é americana (contrariando a história da disciplina, que nasce em cunho europeu), e depois, por se tratar de, como discutiremos, uma mistura de línguas (contrariando os estudos baseados na evolução estritamente genética dos idiomas)².

1. GUASH, Antonio, S.J. & ORTIZ, Diego, S. J. *Diccionario Básico guaraní-castellano\castellano-guaraní. Sintáctico – feaseológico – ideológico. Grafía actualizada*. CEPAG: Asuncion, 1991.

2. Sobre a história da disciplina Junyent i Figueras (1995, p. 35) resume:

“La història de la lingüística històrica té un biaix clarament etnocèntric que prioritza no tan sols la recerca en l'àmbit occidental sinó també l'objecte de la recerca. Així, el desenvolupament històric de la disciplina parteix sempre de la recerca en la família indoeuropea. Aquest fet, a més de donar una visió molt limitada de l'àmbit de la disciplina, ha determinat també que la recerca de llengües no indoeuropees (és a dir, gairebé totes les llengües del món) s'hagués de cenyir al model indoeuropeista tant en els seus avenços com en les seves limitacions. L'altra història de la lingüística històrica és, doncs, d'una banda la història silenciada de la disciplina, però també una anàlisi de les aportacions que la recerca en altres grups lingüístics ha fet a la lingüística històrica”.

Lustig [2003]³ assevera, quanto ao *jopara*, que “probablemente es más adecuado describirlo como una *mezcla de lenguas* que como *lengua mezclada*”. Neste mesmo ensaio, o autor apresenta a opinião de Dietrich (1993) e Tovar em Corvalán & de Granda (1982) que categoricamente descrevem o fenômeno lingüístico como uma *lengua mista não-estabilizada*, “esta concepción se basa en la idea de que el *jopara* es un lenguaje de transición que o bien le prepara el camino a un *jopara* 'normativo' o a su substitución por el español paraguayo”. Canese & Corvalán (1987)⁴, ao tematizarem a situação lingüística do país, desvelam que se pode observar as variedades das duas línguas dentro do bilingüismo, e então, fazem uma breve análise sobre o castelhano opondo o registro estándar, ao que denominam *español paraguayo estandar* (EPE), ao coloquial, *español paraguayo coloquial* (EPC), de modo a entender a influência do *guaraní paraguayo* (GP) no *español paraguayo* (EP)⁵.

De fato, o *jopara* ainda não está estabilizado-normativizado e justamente por isso não o considero como uma língua⁶, prefiro designá-lo como um mistura de línguas. De todas as formas, é o que a corrente literatura, no fundo, vem a concordar: um fenômeno lingüístico gradiente, i.e., uma matiz hispano-guarani, o que pretendo demonstrar, de forma sucinta, nas páginas seguintes.

Existem, no Paraguai, duas línguas (e seus registros e contextos de uso). De um lado, há o dito espanhol estándar que se opõe ao coloquial, o primeiro é encontrado, *a priori*, em situações “formales como gobierno, educación, medios de comunicación – especialmente en su fase escrita -; o cuando se habla: a) con persona desconocida o superior por razones de edad; b) ante un público numeroso” (Corvalán & Canese, *opus cit.* p.09). Enquanto que o segundo, é falado em todos os demais contextos, ou seja, em ambiente familiar, informal, etc. Por outro lado, no que diz respeito ao guarani, não existe esta distinção formal-coloquial, há uma nuance entre o grau de interferência

3. Wolf Lustig (Mainz): *Mba'eichapa oiko la uarani? Guaraní y 'jopara' en el Paraguay*, Asunción, s.a.

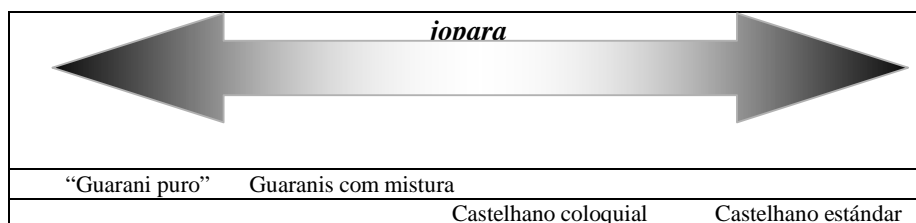
4. CANESE & CORVALAN. *El español del Paraguay: en contacto con el guaraní*. Asunción, 1987.

5. Ramirez (2004) aponta outras discussões feitas por Morígin (1990) e Melià (1992) no ensaio *O que é o 'jopara'?*

6. Uso-me do conceito de língua baseado neste critério de estabilidade, o conceito ainda é problemático em lingüística, sobretudo no que diz respeito à dialetologia, política lingüística e até mesmo na lingüística histórica. Sobre o assunto comentam MOUTON, Pilar García (1994) em *Lenguas y dialectos de España*, CRISTAL, David (2000) em *Language Death* e SIGUAN, Miquel (2001) em *Bilingüismo y lenguas en contacto*, por exemplo.

castelhana, como por exemplo no caso do guarani falado no campo que tem menos empréstimos do espanhol que o guarani falado na zona urbana. O *jopara* tem lugar nesta mistura, localizado entre o coloquial espanhol e o guarani com mistura: “el valor del *jopara* es ambiguo. Manteniendo la estructura esencial del guaraní es la base sobre la que se puede edificar, aprovechando las categorías todavía bien manejadas. (...) El *jopara* es todavía guaraní, si bien con palabras castellanas, la sistematización morfológica está anclada en el guaraní” (Melià, 1992, p. 185). A língua guarani do Paraguai não é um idioma de índios, nem o guarani da época das missões, o guarani puro apenas existe nas gramáticas, nos verbetes forjados dos dicionários⁷ e nos outros dialetos guaranis falado pelos indígenas do país.

Em suma, assim se resume o quadro lingüístico paraguaio⁸:



Melià tem razão ao afirmar que o *jopara* é estruturalmente guarani, de certo modo, o fenômeno é uma das evoluções do idioma indígena. Em sua tese de doutorado⁹, o jesuíta apresenta a história da língua no período colonial, quando era manejada pelos religiosos ao ponto de tornar-se língua geral. ? nessa época que começa a acontecer as mudanças fundamentais no guarani que deixará de ser um idioma exclusivamente dos índios. A língua se normativizará, tendendo a unificar suas variedades dialetais, a relativa unificação se explica, ou por contato de um povo com outro, ou porque uma determinada *redução* havia sido obrigada a mudar-se de sítio, ou ainda, e o mais importante, é que o guarani deveria ser aprendido como língua estrangeira, mas, apesar disso, o guarani ainda conservou algumas diferenças dialetais graças às distâncias de uma *redução* a outra, ou à variante aprendida

7. Não é guarani a palavra *sambyry* (< *techa* = olho + *mombyry* = longe) - *Neol* - para televisão ou telefone *ñe'êmbryha* (*ñe'ê* = palavra).

8. Aparte de outras línguas indígenas e de outras línguas européias.

9. Tese em ciências religiosas, defendida em 1969 na Universidade de Estrasburgo, cujo título original é *La création d'un langage chrétien dans les Réductions des Guaraní au Paraguay*, traduzida em 2003 ao espanhol.

por um algum autor. Vale ressaltar que o guarani oferecia uma forma tida como “clássica”:

“Existe la tendencia de considerar la lengua guaraní de los jesuitas como un todo único, un bloque sin fisura. Ese guaraní 'clásico' sería el que se encuentra en las obras incomparablemente ricas del padre Antonio Ruiz de Montoya. (...) No se puede identificar la lengua escrita con la hablada, y menos aún una literatura casi exclusivamente religiosa con el idioma de uso común. En la lengua de los jesuitas, otro hecho había de venir a ensanchar la brecha entre lengua escrita y lengua hablada: el *corpus* literario en la lengua guaraní que se conoce hoy se compone en gran parte de obras escritas por extranjeros, cuyo conocimiento de la lengua era por demás 'científico' y poco espontáneo” (Melià, [1969], 2003, p. 107 -108).

Este idioma de estrangeiro resultará no *jopara* atual.

Como já mencionado anteriormente, a questão do contato sempre foi tema de polêmica dentro da lingüística histórica, desde o séc. XIX, “para os dialetologistas como Schuchardt ou J. Schmidt apenas o contato entre duas línguas pode(ria) provocar a mudança em um idioma; em resposta a Müller, Schuchardt afirmará que *não há línguas puras*” enquanto que Müller argumenta “no sentido de que a mudança lingüística, ou seja, a evolução das estruturas da língua, nunca pode ser explicada como fruto da mistura por contato, entre idiomas diferentes – não haverá, portanto, línguas com duplo parentesco: *Es gibt keine Mischsprache (não há línguas mistas)*” (Paixão, 2006)¹⁰. Contudo, o século XX experimentará uma revira-volta nesta área da lingüística: “El segle XX marcarà la davallada de la lingüística històrica a causa del desenvolupament de la lingüística descriptiva. L'inici de la davallada està marcat per la publicació del *Curs de Lingüística General* de Saussure i, especialment, per l'oposició que proposa entre sincronia i diacronia” (Junyent i Figueras, p. 29), e mais recentemente, “en els darrers anys, però, el panorama ha canviat força. Si pensem en la situació de la lingüística històrica en els anys 70, quan el desinterès per la història era general i, més a més, la lingüística històrica es limitava a explicar el canvi lingüístic i poca cosa més, ens adonarem que cap als 80 hi ha un gir a partir del qual es torna a fer atenció a l'analogia, creix l'interès per la lexicoestadística, es comença a tenir en compte la sociolingüística i creix l'interès pels pidgins, els criolls, el contacte de llengües, i les seves implicacions en el desenvolupament històric de les llengües” (Junyent i Figueras, p. 07). Atualmente, na lingüística de contato

10. Disponível em http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/evelin_2006
372

como na de Thomason & Kaufman (1998)¹¹, acredita-se que a evolução das línguas, quando em contato (denominado *transmissão imperfeita*), se explica por dois vieses, um deles quando ocorre a *troca de línguas*, isto é, “uma população falante da língua A entra em contato com uma população falante da língua B, e passa a se utilizar da língua B como idioma principal. A língua B (aqui, “língua alvo”) utilizada pelos novos falantes poderá sofrer influências da língua A original. Essa influência pode se difundir para o todo da população de falantes da língua B nas gerações seguintes” (Paixão, 2006); e outro pela *manutenção*, fenômeno pelo qual o Paraguai passa, e que Paixão (opus cit.) comenta: “uma população falante da língua A entra em contato com uma população falante da língua B. A língua A se mantém entre seus falantes, mas elementos da língua B poderão modificá-la: o processo de interferência transcorre tipicamente pelo bilinguismo; os resultados da interferência serão tipicamente os *Empréstimos* (lexicais e/ou estruturais).

“Borrowing is the incorporation of foreign features into a group’s native language by speakers of that language: that native language is maintained but is changed by the addition of the incorporated features.

Invariably, in a borrowing situation the first foreign elements to enter the borrowing language are words. Typically, though not always, the borrowed words are treated as stems in the borrowing language – that is, they take the usual affixes for the appropriate stem-class. (...). If there is strong long-term cultural pressure from source-language speakers on the borrowing language speaker group, then structural features may be borrowed as well – phonological, phonetic, and syntactic elements, and even (though more rarely) features of the inflectional morphology.

Although lexical borrowing frequently takes place without widespread bilingualism, extensive structural borrowing, as has been often pointed out, apparently requires extensive (though not universal) bilingualism among borrowing-language speakers over a considerable period of time”

(*apud*, Paixão 2006, in T&K 1998:37).

A seguir apresento exemplos de cada registro, língua e fenômeno lingüístico sobre o qual viemos tratando.

Podemos encontrar exemplos de espanhol paraguaio coloquial no romance escrito por Margot Ayala Michelagnoli intitulado *Ramona Quebranto* (2003), além de, obviamente, vastíssimas falas em *jopara*: “he utilizado como herramienta el *jopara*, lenguaje éste que cuestiona continuamente su propia

11. KAUFMAN, Terrence; THOMASON, Sarah Grey (1988). *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Los Angeles: University of California Press.

gramática. Está implícita la intención, en primer término, de denunciar el drama de una realidad social y contribuir a elevar el *jopara* a nivel literario, y es al mismo tiempo un tímido aporte para la comprensión del bilingüismo paraguayo” (p. 11).

É difícil estabelecer um limiar que estabeleça onde termina o *jopara* e onde começa o castelhano coloquial, no excerto que segue, trago o que seria algo mais aproximado de espanhol coloquial:

“La pinta e lo de meno porque itarova hese, etá caliente, porque le hace todo paje, era niko akue su aluno pue, demasiado mayora por él. Alguno kuña así ko nomá son luego, con permanente chororî, tetona, sin eperanza ha ikyráko y tiene toda su comodida.

Etá nomá demasiado celosa por él, por eso no tiene pokyrã en su hamburguesería. ¿Quién pa no va a mequiná si e jovê lindo muchacho?” (p. 35 e 36).

Como vemos, neste exemplo, a estrutura básica das orações é castelhana, sobre as quais há inúmeras introduções de léxico (*tarova hese*, *paje*, *akue*, *kuña*, *chororî*, etc.) e morfemas (*niko*, *pa*, etc.) guaranis. Quanto ao nível fonético, a grafia dá conta de denunciar as formas “etá, pue, nomá meno, eperanza”, entre outras, que são derivadas respectivamente de “está, pues, no más, menos, esperanza” e que deixa sinalizado a perda da consoante de coda [s], comum no registro coloquial; o que não podemos notar é se no lugar da sibilante há a substituição por uma oclusiva glotal, fonema guarani presente na fala espanhola dos paraguaios.

O registro culto, conforme comentado, pode ser encontrado principalmente na imprensa escrita, ocorrendo um fato que merece ser analisado: os jornais, principalmente, querendo ser populares tomam as palavras guaranis emprestadas e inserem em suas reportagens. Quanto mais popular é o jornal e mais popular é a notícia mais palavras tomarão do guarani, parece que usar o idioma indígena é uma questão de estilo por parte da empresa que o utiliza. Vejamos:

A falta de leche le dan té hû¹² nomás a mellicitas

Los trillizos nacidos el año pasado en el hospital Nacional cumplieron ayer un año. El mita'i¹³, José María, había muerto a las 24 horas de haber nacido y le hicieron un panteón'i¹⁴ en el patio de la abuela paterna en Valle Pucu (Areguá).

Las dos mitakuña'i¹⁵ sobrevivientes permanecieron en el hospital casi cuatro meses. María Angela, la mayor, sufre de hidrocefalia y María Luján es súper despierta y vivaracha, comentó la abuela materna Teodorina Benítez. Las nenas tienen que compartir su carrito porque tienen sólo uno. Avei¹⁶ necesitan pañales tamaño grande. Por otro lado, la niña enferma últimamente no acude a sus controles médicos porque "ijetu'u la pasaje", he'i¹⁷. Los familiares festejaron el cumple de las mellis con una chocolatada con la colaboración de la abuela Gabi, pero la mayor parte del tiempo las bebas se mantienen con té negro ínte¹⁸ porque la plata no alcanza para la leche. "Toman leche Nido, pero ya está a 25 mil guaraníes y cuando su papá alcanza nomás trae, entonces, si no hay, le damos té de anís, de naranja, ere eréa", omombe'u¹⁹. Su papá, Fabián López, es vendedor ambulante y su mamá, Sara Delacruz Benítez, de apenas 18 años, es ama de casa y necesitan ayuda. La péndex ya tiene seis hijos, los demás de 6, 4 y 3 años. Para aportes llamar al 0971-960.036 o al 208.820 (Ña Gabi).

<http://www.diariopopular.com.py/web/2006/03/25/678.htm>

Por fim, apanhei da pequena compilação de ditos paraguaios reunida em *Ñe'ênga: dichos populares paraguayos* (Aguilera, 1996), os exemplos de *jopara*:

- (1) *Kuña arandu ha burro parejero ndai póri* (p.80)
'Mujer sabia y burro parejero no existen'

-
- 12. Negro, preto.
 - 13. Menininho.
 - 14. Pequena tumba. Mistura da palavra castelhana *panteón* com o diminutivo guarani *i*.
 - 15. Menininha.
 - 16. Também, bem como.
 - 17. Disse.
 - 18. Um pouco.
 - 19. Afirmou, confessou.

(2) *Kuña kuña ndive, ha kuimba'e kuimba'e ndive otratava'erã* (p. 83)
'Negocio de mjer, entre mujeres; el de varón, entre varones

Podemos perceber que nos dois exemplos, retirados da parte dos ditos de cunho machista, as construções são alicerçadas em guaranai, no primeiro caso deste *jopara* há a entrada apenas lexical de “burro parejero”, no segundo exemplo a interferência ocorre na morfologia, a raiz verbal do espanhol é vestida pelos morfemas de pessa e tempo do guarani

o - trata - va'erã
3ª p.- tratar - fut. Certo

Esta é a atual situação lingüística do Paraguai, pretendi nestas páginas corridas apresentar um pouco quão complexo é falar sobre o *jopara*, o *guarani* e o *espanhol paraguaio*.

Termino minha empreitada citando mais uma vez Melià:

“El uso del guaraní por hablantes de origen europeo, como el que se inició a raíz de las primeras expediciones españolas al Río de la Plata, sin embargo, presenta otras características. Los primeros hablantes bilingües castellano-guaraní fueron, en realidad, algunos tripulantes, náufragos o desertores, de las expediciones de Juan Díaz de Solís (1515), de Sebastián Caboto (1526), de Diego García de Moguer (1528). Estos ‘lenguas’, como serán llamados, que habían aprendido el guaraní en convivencia con la comunidad indígena que los había acogido, tendrán posteriormente un papel importante – y ambiguo – como intérpretes y guías. [...] Diversas serían las intenciones de los guaraníes al hablar castellano: entienden congraciarse con los recién llegados y usar la lengua de quien ya empezaba a llamarse ‘karai’, que se hará sinónimo de ‘señor’. El guaraní entra en el castellano para salir después cargado con una semántica y una nueva práctica: el guaraní de los intérpretes y ‘lenguas’ puede ser caracterizado como palabras de la lengua, sin la lengua. Es el guaraní pensado y hablado para decir un pensamiento y una orden castellana”

(Melià, *In La lengua guaraní del Paraguay: historia, sociedad y literatura*, 1992).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGUILERA.(1996). *Ñe'ênga: dichos populares paraguayos*. Asunción: 6.
CORVALÁN, G. & CANESE, N. (1987). *El español del Paraguay en contacto con el guaraní*. Asunción.
CRYSTAL, David. (2000). *Language Death*. Cambridge University Press: Cambridge.

- DIARIO POPULAR. Asunción: 25 de Março de 2006. Disponível em:
<http://www.diariopopular.com.py/web/2006/03/25/678.htm>
- GUASH, A. S. J. & ORTIZ, S. J. (1991). *Diccionario castellano-guaraní/ guaraní-castellano. Sintáctico, fraseológico, ideológico. Grafía actualizada*. CEPAG: Asunción.
- JUNYENT, M. C. (1955). *Lingüística Històrica*. Universitat de Barcelona: Barcelona.
- LUSTIG, W. *Mba'éichapa oiko la guarani? Guaraní y jopara en el Paraguay*.
 Disponível em: <http://www.staff.uni-mainz.de/lustig/guarani/art/jopara.pdf>
- MELIÀ, B. (1992). *La lengua guaraní del Paraguay: lengua, sociedad y literatura*. Mapfre: Madrid.
- _____. (2003). *La lengua guaraní en el Paraguay colonial*. Cepag: Asunción.
- MICHELAGNOLI, M. A. (2003). *Ramona Quebranto*. Asunción.
- MOUTON, P. G. (1999). *Lenguas y dialectos de España*. Arco Libros: Madrid.
- PAIXÃO, M. A. (2006). *Algumas teorias de contato*. Disponível em:
http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/evelin_2006/aula2.html#1
- RAMIREZ, D. J. (2004). *O que é o jopara?*, disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Jopara>
- SIGUAN, M. (2001). *Bilinguismo y lenguas en contacto*. Alianza: Madrid.
- THOMASON, S. G. & KAUFMAN, T. (1998). (org.) *Language contact, Creolization, and genetic linguistics*. University of California Press: Berkeley, Los Angeles, London.
- TOVAR, A. *Español y lenguas indígenas: algunos ejemplos*. In: CORVALÁN & DE GRANDA. p. 473-496.